

DRIBLANDO COM AS MÃOS: o futebol desafia a evolução

Carlos Balzi

“O Futebol é um jogo de dialéticas sem demonstrações. Qualquer coisa que se diga pode ser verdadeira” (Rafael Sprengel).

Messi é melhor que Maradona? Não, creio que não, porque para superar Maradona não basta ser somente o melhor jogador do mundo, tem de ser um mito vivo. Marcar um gol com as mãos frente aos ingleses sem que o árbitro note, é uma picardia. Dizer que foi a mão de Deus é criar um mito” (Juan Villoro).

1. Resumo

O futebol é o único esporte que proíbe o uso da mão, o que minimizou a importância da potência física (exemplos: Pelé, Maradona, Messi), algo que está na origem da popularidade surpreendente, acidental que teve em poucos anos. E, também, da origem social de seus protagonistas, os quais, dificilmente por casualidade, são também - junto às mulheres - a última força social a se fazer visível na história: o movimento operário. Se o processo evolutivo cumpriu um papel central na transformação da forma da mão, neste caso, a limitação de seu uso nas regras futebolísticas suporia um desafio evolutivo que seria a causa última de todas as dimensões mencionadas antes: o direito do mais forte teria ficado invalidado pela feliz invenção-acidente das regras criadas na Inglaterra em meados do século XIX.

2. Como explicar o acontecimento do futebol?

Um antigo ditado britânico postula que "o futebol é um jogo de cavalheiros jogado por vilões, e o rugby é um jogo de vilões jogado por cavalheiros".

50.000 desconhecidos se abraçam nas arquibancadas, outros mil sofrem, gozam, gritam ou reprimem a emoção em casas próprias ou alheias, ou em bares sempre alheios. Milhões de apostadores asiáticos, europeus e americanos amaldiçoam, blasfemam, juram, sonham o insultam em uma confusão babélica de línguas. Existem governos que se afirmam e outros que balançam. Há jogadores endeusados pela proeza e outros assassinados por um erro, dois países entram em guerra por uma partida e na confusão das batalhas não se sabe a quem se mata para reparar aquilo que alguém não

realizou, e na velha Europa uma arquibancada é derrubada e seus mortos "caminharam sozinhos".

Impérios e colônias, ricos e pobres –mas sobretudo pobres –, deuses e monstros, intimidade e espetáculo, tudo contido no universo surpreendentemente proteico e paradoxal de um esporte criado em uma pequena escola inglesa na década de 1860, quando alguns estudantes – os quais não nos custa imaginar cansados da prepotência dos grandes e seus protegidos- decidiram que quem quisesse jogar com eles não poderia esconder a pelota em suas mãos, nem derrubar a chutes seus rivais. O objetivo das páginas seguintes é indagar as razões que possam ajudar a entender o acontecimento que em poucas décadas levou desde uma humilde disputa doméstica em escolas inglesas a ser o fenômeno planetário de massas mais extenso e apaixonadamente vivenciado.

Sem dúvida, enunciado desta maneira, parecerá presunçoso pretender dar uma resposta definitiva em um trabalho desta natureza a uma pergunta que envolve um vasto número de causas ainda difíceis de precisar, mas em qualquer caso enorme e complexas. Porém não é isso que propomos. Somente queremos dar um princípio de vazão à insatisfação que nos provocavam as respostas que obtínhamos à pergunta que nos fazíamos sobre o porquê da popularidade extraordinária do esporte que amamos. Se algumas das hipóteses seguramente apressadas que arriscamos venham a dissolver alguma certeza cômoda ou abram alguma nova pergunta, estaremos mais que satisfeitos. Se nada disso vier a acontecer, se errarmos por completo, nos desculpamos desde agora dizendo que todas estas reflexões intempestivas e incompletas são declarações de amor por essa pelota redonda e seus cultores.

3. As regras do futebol. Pequena história.

Aqui em Parker's Piece, nos anos 1800s, os estudantes estabeleceram um conjunto de simples regras de futebol enfatizando a habilidade sobre a força, que proibiram agarrar a pelota e dar rasteiras (BBC, 2011)

O jogo del futebol é uma invenção humana, concebido a partir da faculdade que o distingue, a razão¹. As regras do futebol não vieram organizar uma prática desportiva já

¹ Com respeito aos esportes que existiam antes que se estabelecessem as regras modernas que, segundo nossa interpretação, criaram o fenômeno "futebol", considero pertinente a seguinte citação de Norbert Elias: “Na Idade Média, a maior parte das tradições populares se transmitia de uma geração à outra por meio da palavra. Eram tradições orais. A maioria da população não sabia ler, nem escrever. Não existia o costume de fixar por escrito nenhuma regra referente aos jogos como o futebol. Os filhos jogavam como seus pais, ou em caso de transtornos sociais, como eles criam que seus pais haviam

estabelecida pelo costume, senão que intervirem criando uma nova realidade, não pré-estabelecida. Como um fenômeno criado a partir de certa abstração normativa pode lograr aceitação tão vertiginosa, representatividade tão massiva e universal? Do conjunto de regras que determinam a forma do jogo, interesam basicamente duas, que adquirem um valor axiômico, das quais se desdobram aquelas mais formais. Estas duas regras se definem negativamente. Uma, proibindo o uso da ferramenta corporal que distingue o homem como tal. A outra, impedindo o ataque físico direto, ou a intenção manifesta de fazê-lo, contra o adversário, ou seja negando a possibilidade de expressar sua veia mais instintiva. Duas regras que determinam o que não se pode fazer, a saber:

1) Proibição de agarrar ou tocar la pelota com as mãos, excetuando o goleiro que defende a última linha.

2) Proibição de derrubar o adversário, ou tentar fazê-lo.

Destas derivam outras duas regras básicas:

3) A pelota deverá ser esférica para poder circular sem impedimentos pelo campo do jogo, e;

4) se marcará um tento quando a pelota transpassar a linha delimitada por duas traves e (pode-se jogar sem ele) um travessão, ou seja, o arco. Isto é tudo o que é necessário, normativamente, para jogar o futebol. As demais regras tem caráter formal,

jogado. Dada a ausência de normas escritas e de organizações centrais que unificassem a forma de jogar, as referências ao futebol encontradas nos documentos medievais, em contraposição com as referências dos documentos de nossa época, não implica que o que se jogava com pelota de couro em diferentes comunidades fosse o mesmo jogo em todas elas. O modo de jogar das pessoas dependia dos costumes locais, não de regras comuns em todo o país. A organização do jogo era muito menos rígida que hoje, a espontaneidade emocional da confrontação, muito maior; as tradições de enfrentamento físico e as escassas restrições - impostas pelo costume, não por regras formalmente elaboradas que requerem um elevado índice de treinamento e autocontrole - determinavam a maneira de jogar e impunham um certo ar de família a todos esses jogos. As diferenças entre os jogos conhecidos com nomes muito distintos não eram necessariamente tão marcadas, como as que existem hoje entre esportes diferentes. Não é improvável que a razão primordial pela qual os documentos medievais se referiam a alguns destes jogos locais com o nome de "futebol" enquanto outros eram conhecidos por nomes diferentes fosse o fato de que se jogavam com instrumentos distintos. Assim, vemos que em geral, as referências ao futebol são literalmente referências a uma classe específica de bola e somente a um tipo de jogo, pois outra classe de pelota ou instrumento de jogo poderia ditar em geral uma maneira distinta de jogar. De fato, alguns documentos medievais falam de jogar com uma **bola** de couro, "com um futebol", não de "jogar futebol". E, pelo que se vê, a pelota que chamavam "futebol" tinha isto em comum com a utilizada nas partidas de de futebol de hoje: se tratava de uma bexiga de animal, inflada e as vezes forrada, nem sempre, de couro. Comunidades rurais de todo o mundo recorreram a esta invenção para proporcionar diversão. Seu uso está registrado certamente em quase toda a Europa medieval. **Se tem a elasticidade adequada e não é demasiado pequena nem demasiado grande, esta bexiga de animal inflada, embutida ou não em uma peça de couro, provavelmente se presta melhor a ser chutada que uma pelota compacta de menor tamanho.** Mas não há razões para supor que o futebol medieval só era impulsionado pelos pés, nem igualmente, que o handebol o fosse somente com a mão. Insisto: a razão principal para tais diferenças nos nomes deste jogos talvez deva-se simplesmente ao fato de que se jogavam com pelotas de diversas formas e tamanhos, ou com traves ou outros instrumentos" (Elias, N., Dunning, E., 1996, pp. 222-223).

estabelecendo certos requisitos que o jogo deverá cumprir para sua oficialização como competência desportiva federada.

Talvez haja aqui um princípio de explicação do fenômeno futebol. As regras que inventaram são tão poucas, fáceis de entender e permissivas que suscitaram uma adesão imediata. Economia, simplicidade e participação irrestrita. No futebol, joga qualquer um, não se estabelece primazia no jogo a partir de condições físicas excepcionais (força, altura, desenvolvimento muscular etc.), em qualquer lugar de qualquer tamanho (rua, pátio, campo etc.), e em qualquer número (dois jogadores já formam uma equipe).

O enorme poder de aceitação que teve o futebol se pode inferir dos escassos quinze anos que passam entre a invenção do jogo e sua formalização. Em 1848 se criou na Universidade de Cambridge o denominado Código Cambridge, o qual foi a base para a criação da futura Football Association em 1863.

O regulamento criado em 1863, em conjunto pela Football Association da Inglaterra é considerado como o primeiro do futebol. As históricas 13 regras criadas neste ano são a base das atuais.

1) O comprimento máximo do campo deverá ser de 200 jardas (182.88 m), a largura máxima deverá ser de 120 jardas (109.728 m), o comprimento e a largura deveram estar delimitados com bandeiras; e a meta será definida por dois postes verticais, separados por oito jardas, sem nenhuma fita ou barra entre eles.

2) Um sorteio pelas metas deverá se realizar, e o jogo deverá começar mediante um chute com a bola parada desde o centro do campo pelo bando que tenha perdido o sorteio pelas metas; o outro lado não deverá se aproximar a menos de 10 jardas da bola até que tenha sido lançado.

3) Depois de que se consiga um gol, o bando perdedor deverá ter direito a dar a saída, e os dois lados deverão trocar metas depois de cada gol obtido.

4) Um gol deverá ser obtido quando a bola passe entre os postes de meta ou sobre o espaço entre os postes de meta (a qualquer altura), sem ter sido lançado, golpeado ou transportado.

5) Quando a bola se encontrar fora de campo, o primeiro jogador que a toque deverá lançá-lo desde o ponto da linha delimitadora por onde saiu do campo em uma direção em ângulo reto à linha delimitadora, e a bola não deverá estar em jogo até que tenha tocado o chão.

6) Quando um jogador tiver chutado a bola, qualquer do mesmo lado que se encontre mais perto da linha de meta do oponente está impedido, e não pode tocar a bola, nem de nenhum modo impedir que o faça outro jogador, até que ele esteja em jogo; mas nenhum jogador está impedido quando a bola é jogado por de trás da linha de meta.

7) No caso em que a bola vá de trás da linha del meta, se um jogador do lado a que pertence a meta toca primeiro a bola, um do seu lado deverá ter direito a um tiro livre desde a linha de meta no ponto oposto ao lugar em que a bola deverá (sic) ser tocada. Se um jogador do lado oposto toca primeiro a bola, um do seu lado deverá ter direito a um tiro livre à meta somente desde o ponto a 15 jardas da linha de meta, oposto ao lugar de onde a bola é tocada, com o lado opositor na linha de meta até que tenha realizado seu tiro.

8) Se um jogador realiza uma agarrada (“fair catch”), deverá ter direito a um tiro livre, mostrando que o reclama mediante uma marca com o taco simultaneamente; e para fazer este tiro poderá retroceder tanto como deseje, e nenhum jogador do lado oposto deverá avançar além da marca até que ele tenha jogado.

9) Nenhum jogador deverá correr com a bola com a mão.

10) Nem rasteiras, nem chutes deverão ser permitidos, e nenhum jogador deverá usar suas mãos para segurar ou empurrar seu adversário.

11) Um jogador não deverá estar autorizado a lançar a bola ou passá-lo a outro com suas mãos.

12) Nenhum jogador deverá ser autorizado a tomar a bola do chão com suas mãos sem nenhuma exceção enquanto se encontra no jogo.

13) Nenhum jogador deverá ser autorizado a usar travas salientes, placas de ferro ou qualquer reforço de gutapercha (borracha sólida) nas solas de suas chuteiras.

A regra 8 (“fair catch”) que permitia agarra a pelota com as mãos quando vinha de alto, o que gerava um tiro livre, foi descartada rapidamente, não voltando a figurar em nenhum regulamento posterior.

Em 1886 se celebrou a primeira reunião oficial da International Football Association Board, associação que pretendia organizar o futebol do Reino Unido sob um mesmo regulamento. Em 1913 a FIFA se somou como membro. O processo de mundialização havia começado.

4. O uso das mãos como signo de evolução. Antropologia das mãos

Depois do cérebro, a mão é o maior tesouro do homem e a ela se deve o desenvolvimento do trabalho do artesanato. É por sua vez um órgão de expressão e um órgão especial dos sentidos para a estereognosia. As ideias estão ligadas às sensações e ações das mãos nas bases das atividades fundamentais concernentes a proteção, comida, combate y perpetuação, como na criação, tal como construir, desenhar, modelar e até pensar.

É surpreendente que até o momento, o enorme papel da mão no processo de evolução das espécies até a civilização humana, não tenha sido suficientemente divulgado para o conhecimento de toda a população e somente se limitado ao círculo do debate filosófico².

Aqueles estudantes, talvez sem perceberem, firmaram o regulamento do que seria o único esporte de equipe – ao menos o único que tenha perdurado- que proíbe os jogadores o contato das mãos com a pelota, exceto a quem recebe a ambígua concessão de fazê-lo no delimitado setor da área retangular próxima ao arco: exceto o goleiro. É impossível reconstruir os pensamentos de aqueles pioneiros quando decretaram tal inovação, porém podemos presumir que não deve ter sido seu propósito sair em defesa de uma teoria que por aquele tempo começava a desafiar varias tradições científicas, morais e religiosas seculares. As regras de Cambridge (das quais nenhuma copia chegou à nós) se estabeleceram em 1848, enquanto que as de Roger Graham foram apresentadas no sábado de 23 de outubro de 1863. Entretanto, em 1859, Charles Darwin publicava na mesma Inglaterra seu *opus magnum*, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* (entre nós, *A origem das espécies*), o texto que daria carta de cidadania definitiva à teoria da evolução, um dos legados intelectuais mais influentes do século XIX. É improvável que aqueles estudantes tenham planejado consciente e voluntariamente experimentar o que sucederia se no espaço controlado de uma quadra, se lançassem os protagonistas com o mandato de conseguir um resultado, mas obstruindo normativamente um dos traços graças aos quais a espécie a que pertence se delimita. E, entretanto, a tentação de suspeitar a presença de vínculos secretos entre estes fenômenos contemporâneos nos parece irresistível.

² Ricardo J. Monreal González, *La mano, origen, evolución y su papel en la sociedad*, La Habana, 2008, p. 16. A citação continua assim: “Muitos museus de zoologia, antropologia e etnologia mostram certos aspectos da mão em relação com outras partes do corpo humano, no entanto, em nenhum deles se ressalta sua importância fundamental na hierarquia dos valores humanos. A mão é uma prolongamento do cérebro e contrariamente, graças a mão, o cérebro humano foi capaz de se desenvolver. Paleontólogos **descubriram** que o cérebro de nossos antecessores incrementou progressivamente seu volume e peso através de milhões de anos até o *Homo sapiens*. A capacidade não usual do cérebro humano foi capaz de desenvolver o uso das mãos. A importância das áreas motoras e sensoriais da mão está bem demonstrada pela extensa área que ocupa no córtex cerebral. A mão não só é capaz de receber como também de oferecer”

O conteúdo do que nas teorias da evolução das espécies se chama “processo de hominização”, ou seja, a reconstrução razoável da passagem que levou desde nossos antepassados, os símios, a esta “obra racional e máxima da natureza” (Thomas Hobbes *dixit*), o homem, pode se resumir em algumas poucas epígrafes: o bipedismo, isto é, a adoção de uma posição ereta assentada sobre os pés; a cerebralização, quer dizer, a progressiva ampliação da capacidade craniana; a neotenia, a juvenilização dos traços; a sexualidade permanente, ou a desaparecimento do estro; o aparecimento da linguagem; e, vinculado a todos os anteriores, a liberação das mãos. Estas marcas de humanidade não são independentes entre si, senão íntimamente vinculadas. E se de fato este não é o lugar para descrever *in extenso* de que modo estão vinculadas, é preciso, para compreender o sentido de nossa suspeita de uma conexão secreta entre a criação das regras do futebol e a invenção ou o descobrimento da evolução, reparar na interdependência entre algumas destas dimensões evolutivas.

Como relata a epígrafe de Monreal González, a progressiva ampliação da capacidade craniana se produziu em paralelo à liberação da mão, com a inversão do dedo polegar como característica central. Afirmar que o crescimento da inteligência teve como primeira manifestação a ampliação da capacidade manipuladora por parte deste animal não é exagerado. Na cronologia da evolução, nosso primeiro antecessor foi chamado *homo habilis* justamente por sua capacidade avançada de manejar instrumentos. Já nele se detecta também uma incipiente ampliação da cavidade craniana. Este processo se retroalimenta: ao crescer o cérebro, o incipiente ser humano adquire maior habilidade manual, e essa destreza em suas extremidades superiores, por sua vez, aprofunda o desenvolvimento cerebral: cérebro e mão unidos, jamais serão vencidos.

Mas se não podem ser vencidos, se deve a que sua co-evolução some-se um terceiro fator. O cérebro cresce, as mãos se liberam e o animal, no mesmo movimento, se ergue e passa a andar sobre seus pés. O bipedismo se alcança com uma condição, o sacrifício da ductibilidade e polifuncionalidade das extremidades posteriores: o que ganham as mãos, perdem os pés, que a partir de então se veram reduzidos a ser instrumentos de mobilidade. Alguns instrumentos, por certo, muito eficazes para o novo entorno deste animal, a planície, a savana, o espaço aberto e imenso, no qual deverá recorrer distâncias inéditas para procurar um alimento que, na sequência, será rasgado e partido pelas mãos, não mais pela dentição, o que ocasionou também que a mandíbula se afinara e se debilitara, limitada a função da mastigação e a partição secundária.

Esta história é, desde já, somente uma abreviatura grosseira de um processo complexo que levou milhões de anos. Porém basta para nosso objetivo reter estes três sinais da transformação do símio no homem: ampliação da capacidade cerebral, liberação da mão e sofisticação e multiplicação de suas funções, transformação dos pés ao se adotar a postura vertical, ereta, com a consequente limitação **das suas próprias** **{??}**. Cérebro, mãos e pés, chaves da hominização.

5. Sem as mãos, lugar para os fracos

Pois bem, se na evolução das espécie, a liberação da mão e a transformação dos pés constituem sinais inequívocos de hominização, o que ocorre quando algumas regras como as do futebol proíbem quase totalmente o emprego das mãos? Para que se entenda por que enxergamos neste gesto normativo o segredo principal da popularidade do futebol, entendemos que convém abordar a resposta obliquamente, nos perguntando primeiro o que é que as mãos fizeram e fazem na vida cotidiana dos seres humanos.

Ao se liberarem, as mãos expandiram seu enorme novo potencial em duas direções, não necessariamente contrárias. Por uma parte, e retomando outra vez uma terminologia arendtiana (Arendt, 1995), nos domínios da labor e do trabalho, isto é, primeiro, na produção de alimentos, vestimentas e todos aqueles consumíveis indispensáveis para a sobrevivência biológica do gênero: são as mãos que as semeiam y colhem, são elas as que alimentam o gado e matam os animais, elas as que arrancam suas peles e cozinham suas carnes. Também são elas que, mais tarde, juntarão o barro, a madeira e a pedra com as quais modelarão vasilhas, construirão vivendas e ferramentas. Elas tocarão a música e desenharão as figuras através das quais reconhecemos seu pensamento simbólico e desperta nossa confraternidade. E serão também elas as que empunharão as armas que destroçarão seus inimigos. A satisfação de necessidades fisiológicas e o refinamento crescente nas maneiras de alcançá-lo, a arte e a guerra, todas dimensões da existência que devem sua razão de ser ao uso das mãos, e sem as quais não nos reconheceríamos como seres humanos. Agora, se as mãos são proscritas no marco de um esporte, isso não significaria que se proscreeve aquilo que nos faz propriamente humanos?

O filósofo argentino Hernán Zucchi escreveu sobre a sensação de irrealidade que produz esta atividade humana na qual as mãos ficam obrigatoriamente fora do quadro: “Na vida diária ninguém realiza algo privilegiado com os pés, nem o estudante leva sua pasta para a escola a chutes. Tampouco o elegante executivo entra

em seu escritório “lhe entregando habilmente com os pés” o portfólio a sua secretária. Todos diriam que ficou louco” (ZUCCHI, 1993, p. 43). Isso, claro, é ao que se submete quem concorda em participar como jogador neste esporte. Esta determinação, que obriga a desenvolver algumas habilidades improváveis com essa parte do corpo evolutivamente destinada a locomoção, tem, solidariamente, uma consequência notável para avançar na resposta a nossa inquietude: com as mãos, se esvai também a possibilidade mais importante que os seres humanos possuem de reter o objeto com o qual se pratica o jogo, impondo a ele um adicional de força física com respeito a nossos competidores. Para alcançar o objetivo de aproximar a pelota às traves e obter um gol usando os pés, o maior ou menor volume muscular, a altura e o peso – os tres aspectos que de uma ou outra forma decidiriam as lutas pela posse de um bem em um imaginário “estado de natureza” hobbesiano – perdem sua vantagem relativa e são facilmente compensados, e inclusive superados pela destreza nos movimentos, a inteligência para ocupar espaços no campo de jogo e a capacidade de ver estes espaços ocupados para poder passar a pelota.

Agora, a força, a altura e o peso são as dimensões que se impõem todavia naqueles esportes coletivos – todos, exceto o futebol- em que o emprego das mãos está regulamentadamente admitido (por exemplo, a força e o peso no rugby, a altura no basquete e o vôlei etc.): somente no futebol uma pessoa que apenas supere os cento e sessenta centímetros de altura, sem uma massa corporal notável nem aparente força física para se impor em alguma especie de duelo teria possibilidades de realizar uma carreira profissional de êxito. Se duvidamos disto, basta pensar nas grandes referências da história deste esporte. Maradona, Pelé, Messi, Cruyff: são pequenos, mirrados, magros. Em nenhum outro esporte poderiam ter se imposto, salvo neste que provoca a sensação de irrealidade de que nos falou Zucchi.

6. O futebol como acontecimento: pequena introdução ao conceito de acontecimento. O futebol como revolução pudorosa

No entanto, nas ciências históricas, a causalidade é uma categoria tão estranha como enganosa. Não só o verdadeiro significado de todo acontecimento transcende sempre qualquer número de “causas” passadas que lhe possamos atribuir (basta pensar na grotesca disparidade entre “causas” e “efeitos” em um evento como a primeira guerra mundial), senão que o próprio passado emerge conjuntamente com o acontecimento. Somente quando haja ocorrido algo irrevogável podemos tentar traçar sua história retrospectivamente. O acontecimento ilumina seu próprio passado e jamais pode ser deduzido dele (Hannah Arendt).

O futebol como fenômeno especificamente contemporâneo, não datável além de meados do século XIX, perderia suas dimensões características se desviassemos da análise a massividade extraordinária com a que se viu envolvido quase que desde o mesmo momento de seu nascimento. A desmesurada distância que separa a humildade de seus começos e a estrondosa realidade em que se tornou, e novamente, a extraordinária rapidez com que esta ascensão se produziu, habilitam descrever a aparição deste evento histórico nos termos de um “acontecimento”. Agora, em que sentido devemos entender o termo para que se ajuste aos traços mencionados?

O termo “acontecimento” é de recente incorporação no vocabulário técnico da filosofia, e ainda hoje sua cidadania filosófica dista de ser universalmente reconhecida. Assim, se o *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, de André Lalande em sua quarta edição “*notablement augmentée*”, de 1932, não incluía uma entrada para este conceito, poderia se intuir que isso se deveria a sua recente aparição; mas tampouco o consideram dicionários mais recentes, como o de José Ferrater Mora, o mais consultado em língua espanhola. Sua história, portanto, não é só relativamente breve senão, em certo sentido, um tanto marginal, e talvez ainda por ser contada. Brevemente, o conceito possui três ou quatro etapas fundamentais, das quais somente nos deteremos por um instante em uma. A atenção ao acontecimento surgiria como resposta a uma tradição, que costuma se relacionar com o movimento iluminista do século XVIII, que via na história uma sucessão de eventos singulares cujo sentido podia se advertir se conhecíamos a direção em que a História se encaminhava. Este conhecimento foi chamado, a partir de Voltaire, a “filosofia da história”, e implicava não somente a possibilidade humana de dar sentido a este movimento que, não muito antes, havia sido descrito como um conto de idiotas, mas que este sentido estava predeterminado por uma peculiaridade: se podia adivinhar, porque se havia descoberto que a ação racional e razoável do gênero humano triunfaria sobre a irracionalidade e os preconceitos e levaria, em algum momento do futuro ainda mais difícil de precisar, a um estado ótimo para os próprios seres humanos. Esse otimismo ilustrado não estava destinado a durar.

A fins do século XIX já é possível notar sua fissura, por exemplo nos escritos de Nietzsche sobre história (Nietzsche, 1972), mas será fundamentalmente no século XX quando a desconfiança sobre a capacidade racional humana para expressar-se em condições melhores (já nem sequer ótimas) se tornará endêmica, arrastando consigo a crença na aptidão da razão de penetrar no sentido do movimento da história. E

é aqui quando o acontecimento faz sua entrada, em alemão, como *ereignis* na obra de Martin Heidegger, reformulado logo na de Hanna Arendt³. Na obra desta pensadora é onde encontramos um sentido deste conceito que, entendemos, contribui para compreender o peculiar fenômeno histórico do futebol.

O que é, para Arendt, um acontecimento? A citação que encabeça esta seção é representativa de sua posição. Um acontecimento é um fato importante cuja aparição não poderia haver sido previsto, e que somente uma vez em existência permite indagar sobre a trama causal para lhe dar sentido. Em seu livro *A condição humana* (1996), Arendt atribuiu a origem da Modernidade a três acontecimentos: a invenção do telescópio por Galileu, o descobrimento da América e a expropriação dos bens eclesiásticos que deu origem ao processo de secularização. Em outro texto, *Sobre a revolução* (Arendt, 1988), falará nos mesmos termos da viagem dos puritanos ingleses em direção à América em fins do século XVII.

Como se pode ver, a natureza dos exemplos oferecidos por Arendt é heterogênea, o qual convida a fazer discriminações entre eles segundo critérios variáveis. Se o acontecimento se caracteriza pela inconsciência dos que fazem algo que terá uma transcendência insuspeita, proponho distinguir os exemplos apresentados pela filósofa alemã segundo o grau e a espécie da inconsciência que podemos atribuir a seus protagonistas. Assim, se pode ser certo que Colombo e seus marinheiros não souberam do descobrimento que haviam realizado, com todo o impacto da aparição destas gigantescas terras desconhecidas ao oeste, não deixou de impactar a imaginação de seus contemporâneos de uma maneira que, talvez errônea para nosso acervo geográfico, não deixa de ser chamativo. Também Galileu, ainda que sem pensar que seu invento faria que por primera vez na história a humanidade pudesse se pensar por fora de sua prisão terrena, não duvidava respeito a novidade do que estava atacando e, portanto, teria havido alguma consciência quanto ao inédito de seu empenho. A expropriação da Igreja, por outra parte, também foi visto como um gesto impactante por sua novidade, se bem talvez não pudesse se antecipar que com isto se daria início a um dos processos, o de secularização, que mais e melhor caracterizaria o mundo moderno. Com distintas particularidades, é possível detectar nos protagonistas de cada um destes acontecimentos fundadores da Modernidade algum grau de consciência sobre a

³ Uma história ao menos introdutória do conceito de “acontecimento” deveria incluir ao menos os desenvolvimentos posteriores de Michel Foucault e Alain Badiou. Porém para nossos fins não é necessário ir até eles.

novidade de seus atos, ainda que – e esta é a marca acontecimental – nenhum poderia ter previsto as enormes consequências finais dos mesmos.

Esta distância, então, entre alguns princípios relativamente inconscientes e alguns efeitos incomparavelmente maiores, que somente uma vez afirmados permite descobrir os primeiros como tais, é o que distingue um acontecimento. Aclarado isto, é legítima a descrição da aparição do futebol como um acontecimento? Entendemos que não somente o é, senão que possivelmente o termo se ajuste melhor a este fenômeno que os escolhidos por Arendt. Para justificá-lo, é necessário recordar qual foi o princípio deste fenômeno e compará-lo com os descritos por Arendt: alguns estudantes ingleses de província reunidos para se colocarem de acordo sobre como jogar o esporte que elegeram, frente a um cientista de renome em toda Europa inventando um instrumento e refletindo sobre os resultados alcançados com ele, uma expedição marítima financiada pelos Reis Católicos e uma medida de expropriação a uma das instituições mais poderosas da Europa pós medieval. É indubitável que, dos quatro princípios, a reunião estudantil é a menos suspeitável de pretender provocar uma revolução cultural de alcance planetário.

Certo é que se ao nível dos princípios o futebol é singularmente humilde e supera os demais acontecimentos em obscuridade e anonimato, a nível de seus efeitos. Dificilmente podemos equiparar o esporte planetário por excelência com a inauguração de uma etapa inédita em transcurso temporal da humanidade sobre a Terra: o início da Modernidade, efeito conjunto dos demais acontecimentos relatados. Porém ainda pode se pensar um par de argumentos para salvar a estatura acontecimental do futebol.

Em primeiro lugar, é necessário estabelecer em que o grau em que um fenômeno se converte em acontecimento não deveria se medir tanto pela magnitude de seus efeitos, como pela distância que intermedia entre seus princípios e seus resultados. Neste sentido, enquanto alguns possam acusar aos primeiros de menos consciência, mais perto nos encontraremos de um fenômeno desta espécie em estado puro. Neste sentido, tanto no caso de Galileu como de Colombo (e Fernando e Isabel) e os príncipes expropriadores, é legítimo intuir que pressentiam algo a respeito a transcendência de seus gestos iniciáticos, se bem seguramente não a respeito ao calibre de seus resultados. Sabemos que Galileu sabia que enfrentava uma prática científica e uma cosmovisão milenária; e sabemos, ao menos, que houve reações entre os contemporâneos das viagens de descobrimento e da expropriação das igrejas que advertiram a radical novidade implicada nestes sucessos. Pelo contrário, nos é dado supor que aqueles

estudantes já mencionados não pretendiam outra coisa que lograr um acordo sobre a melhor forma de regulamentar um jogo para torná-lo mais divertido e menos violento: conseguiram isso, mas ao fazê-lo criaram também um fenômeno ainda difícil de dimensionar e de explicar em sua massividade, seu alcance e seu significado.

Por outra parte, se conhecemos mais ou menos bem os traços gerais daqueles efeitos comuns dos primeiros acontecimentos, isso que chamamos Modernidade, e portanto resultam privilegiados no momento de medir sua magnitude acontecimental, a respeito do futebol é conveniente não esquecer que só nos separa um século e meio de seu nascimento, e que em vista do caráter proteico que tem demonstrado fundamentalmente nas últimas décadas – com sua mercantilização, sua globalização total –, nos é dado pensar que nos encontramos frente a um fenômeno que ainda não realizou toda sua potencialidade e que, portanto, todavia não se pode medir de maneira confiável seu grau acontecimental.

Jorge Luis Borges (1989, p. 213) escreveu em uma página justamente célebre:

“Em 20 de setembro de 1792, Johann Wolfgang von Goethe (que havia acompanhado o Duque de Weimar em um passeio militar a Paris) viu o primeiro exército da Europa inexplicavelmente rechaçado em Valmy por algumas milícias francesas e disse a seus amigos desconcertados: *neste lugar e no dia de hoje, se abre uma época na história do mundo e podemos dizer assistimos a sua origem*. Desde aquele dia abundaram as jornadas históricas e uma das tarefas dos governos (singularmente na Itália, Alemanha e Rússia) foi fabricá-las ou simulá-las, com abastecimento de prévia propaganda e de persistente publicidade. Tais jornadas, nas quais se adverte a influência de Cecil B. de Mille, tem menos relação com a história que com o jornalismo: eu tenho como suspeita que a história, a verdadeira história, é mais pudenta e que suas datas essenciais poden ser, assim mesmo, durante largo tempo, secretas.

Um prosista chinês observou que o unicórnio, em razão mesma da sua anomalia, tem que passar inadvertidamente. Os olhos vêem o que estão habituados a ver. Tácito não percebeu a Crucificação, ainda que a registra em seu livro”.

Uma destas datas secretas se deu em algum lugar da Inglaterra a meados do século XIX.

7. O futebol como assunto político. A produção de subjetividade social, de valores morais. Projeção de desejos populares.

O problema que logo encontramos –não carente de importância teórica- foi o das razões pelas quais uma das duas classes de futebol, o soccer, obteve um reconhecimento e um êxito muito maior que a outra, não só na Inglaterra como em quase todo o mundo. Foi porque no soccer o nível de violência era menor que no rugby? Para responder perguntas como esta é necessário ter uma ideia muito clara de ao menos um dos problemas centrais que a diminuição da violência supôs para o padrão global do jogo (Norbert Elias).

Contudo, se o ponto anterior logrou estabelecer o caráter acidental do futebol, permanece como desafio, claro, dar conta de quais são as causas ocultas que se vincularam por detrás do estabelecimento de suas regras na Inglaterra de meados do século XIX, e que levaram a que essa disputa local, destinada a obscuridade e ao esquecimento, gerasse o fenômeno de massas pacífico mais notável do século XX. Por que o futebol? Que fibra humana sensível tocou? Que cordas, que acordes, que harpejos pressionaram estes dedos estudantis para propiciar semelhante mutação?

Embora todo fenômeno histórico é resultado de um concurso de múltiplas causas e não existe um fato simples de explicar, no caso particular que nos interessa esta característica se acentua radicalmente, justamente pelo mesmo motivo que o constitui em acontecimento. Se não tivesse sido assim, se os protagonistas desta história tivessem tido consciência de que estavam dando início a uma revolução, então é bem possível que a análise houvesse se posto excessiva pois bastava dar a palavra aos agentes desta mudança histórica para que pudessem nos contar o que pretendiam com as modificações regulamentares que introduziram. Como, segundo toda a evidência, este não é o caso, nossa situação é comprometida: estamos obrigados a nadar nas águas turbulentas e opacas da causalidade histórica, onde nada é o que parece e onde o mais insuspeito pode estar operando. O tom altamente especulativo, impossível de provar cientificamente a esta altura da investigação, das linhas que seguem, deve se compreender neste contexto.

Recuperemos o escrito mais acima. O papel da mão na transformação do primata em hominídeo, a decisão de proscrever sua utilização durante a hora e meia em que os encontros futebolísticos tem lugar, o acontecimento. Como vincular estes tres fatores? Vamos do abstrato ao concreto. Se a mão é índice de hominização, é possível afirmar que na destreza e habilidade, em seu emprego deverá se buscar ao menos uma das razões do êxito na competência pelos bens escassos a que os homens se encontram comprometidos. Chamemos a esta competição de “a luta pela integração”: deste modo, quem melhor pode se servir de sus mãos, será o mais integrado, e quem não o consegue, o pior ou o não-integrado. Assim, quem não logre harmonizar seus

movimentos para produzir as representações simbólicas que hoje chamamos pictografias, não será reconhecido nesse campo; quem não saiba fazer as melhores vasilhas e as melhores ferramentas, não será reconhecido neste, e assim por diante. Mas, sobretudo, quem não una a sua destreza manual uma fortaleza em seus braços e torso para impor-se na luta a mão livre ou no manejo (“manejo”, notemos, contém “mão” em sua raiz) das armas, será o derrotado nas contendas que decidem a posse dos recursos, a hierarquia do domínio. Em qualquer caso, quem domine melhor o emprego de suas mãos, estará nas melhores condições para desenvolver-se com êxito na vida.

E, inversamente, quem não for o suficientemente destro com suas mãos, quem não possa impor sua força e conservar consigo os bens, quem não consumir até o final o processo de hominização, ficará sujeito a decisão de quem sim o efetivar, será seu dominado. Salvo que, por alguma estranha e inimaginável decisão, o emprego das mãos se proibira em algum setor da atividade humana: porque, então, os derrotados do processo de hominização veriam se abrir uma portinhola por onde retomar a polêmica pelas hierarquias. Mas manter uma esperança em que algo assim suceda é sonhar acordado, certo?

Retomemos agora o momento histórico em que esses estudantes de Cambridge tomaram a estranha decisão de proscrever o uso das mãos, dando-lhe todo o protagonismo a esses apêndices, atores secundários depois da liberação das mãos: os pés. Estamos a meados do século XIX, e está nascendo o grande esporte das massas operárias desde então. Por que se produziu esta identificação? Esperamos que, a esta altura do trabalho, a resposta a este interrogante possa se intuir.

Em direção às datas em que se estabelecem as curiosas regras deste curioso esporte, o movimento operário europeu estava tomando forma e alcançando uma autoconsciência definitiva. Durante a década de 1840, Karl Marx começa a publicar seus primeiros escritos, entre os quais aparece, em 1848 (o mesmo ano em que eram nomeadas as Regras de Cambridge), o Manifesto do Partido Comunista, o documento fundacional da classe obreira, ponto culminante de um fenômeno histórico que crescerá em magnitude e importância com o passar das décadas. Tem alguma relevância esta coincidência cronológica? Se a hipótese que nos guia tem alguma sustentação, a resposta deve ser positiva.

A evidência nos leva a pensar que a coincidência foi puramente contingencial: nem os ricos estudantes que regularam de maneira anômala algumas práticas existentes pensaram em seus concidadãos trabalhadores explorados ao fazê-lo,

nem o movimento operário vislumbrou nesta estranha regra que proibía a mão uma oportunidade de expressão e identificação de seus membros. E, no entanto, é isto mesmo o que aconteceu, pelas costas dos protagonistas e sem que eles planejassem. Com o descarte da mão, se foi também a mais poderosa ferramenta no estabelecimento da condição aparentemente natural de domínio de alguns seres humanos sobre outros: se não se pode usar as mãos para se impor, o que ocorre com o equilíbrio de forças conseguido?

Sucedede (ou sucedeu, porque, *ex hipótesis*, poderia não ter sucedido) que o campo se abriu para uma nova distribuição das hierarquias a partir do desenvolvimento de habilidades inéditas, que ninguém teria empreendido a não ser pelo desafio das regras deste novo esporte: quem teria usado os pés, quando as mãos são mais hábeis e seu emprego mais natural? Somente, talvez, aquele cuja condição neste mundo natural e manual tivesse sido a do derrotado, subordinado, desprezado e abastardado. Os mais fracos, em síntese.

E eram os mais fracos da sociedade européia decidemônica os que estavam se organizando neste preciso momento, em sindicatos, associações operárias, internacionais. A classe operária, a eterna derrotada, a convidada de pedra da opulenta Europa de um século e meio atrás, não poderia ter-se nunca identificado com as diversões e esportes das classes dominantes, embora não fosse mais pelo simples fato de que não estava convidada a seus eventos. Então, quando se inventa um novo jogo em que, com as mãos, perde também importância a potência física, e em que, portanto, qualquer um pode jogar e destacar-se, parece razoável, uma vez que isto ocorreu, que fosse essa mesma classe a que fizesse seu um esporte nascido na elitista Cambridge, projetando nela sua posição de inferioridade, lendo com rapidez a oportunidade que era aberto ali e experimentando uma estranha identificação, que era enfim nosso objetivo indagar.

8. O futebol como objeto político

O futebol serve para infundir entusiasmo nas massas; mas para obtê-lo, há que motivar de antemão as pessoas com condições que se aproximem da felicidade cotidiana. E quando esse homem está na arquibancada não lhe importa o *fair play* porque deixou de ser hipócrita: desnuda sua paixão e descarga a agressividade que não pôde soltar na semana. Então isto lhe serve, porque a catarse é saudável. Sempre voarão garrafas por cima das cabeças dos juizes e o único que podemos fazer é moderar essa agressividade. Um craque gratifica a milhões de pessoas só pelo fato de sê-lo. Se encontrássemos outra maneira de contribuir à felicidade de tanta gente, talvez

o jogador estrela desaparecesse, mas isso não ocorre e, ainda que ocorresse, estou certo de que nos custaria mais dinheiro (Valentín Suárez⁴).

O acontecimento do futebol é potência, em devir, causa e é causada em uma trama social e portanto política. O modo de relação que estabelece com distintos regimes políticos dá conta de si mesmo, tanto como daqueles. Espaço de produção e conservação em pleno desenvolvimento, nesta etapa de um século e meio até hoje, tem sido um precioso objeto de manipulação política por parte de regimes facistas como a Itália de Benito Mussolini nos mundiais de 1934 e 1938. A ditadura militar que governou a República Argentina entre 1976 e 1983 teve seu momento de apogeu social com a conquista do Mundial em seu próprio país, no ano 1978. Uma quantidade significativa de testemunhos artísticos não refletido esta utilização, entre outros o conto “Andate paraguay”, de B. Verbitsky, *Dos vecé junio* de Martín Kohan, o filme *Pra frente Brasil* de Roberto Farias (1982).

Mas o fenômeno do futebol está longe de ser um sujeito passivo, através de décadas de acumulação de poder esportivo, econômico e simbólico, possui uma dinâmica própria que alimenta e ao mesmo tempo se nutre do desenvolvimento do mundo globalizado. Sem finalidade, ainda que com claras demonstrações de evolução nas condições e técnicas de jogo assim como no grau de representatividade social, o acontecimento de futebol não parece mostrar um esgotamento de sua vitalidade, mas completamente ao contrário. Sua potência aparenta transbordar toda forma concreta de individualização e, como todo bom acontecimento, torna impossível predizer as fases de sua futura evolução. Só podemos aventurar que esse feliz invento de alguns estudantes ingleses que, ao elidir o emprego das mãos, havia tocado em uma veia sensível de um setor da humanidade que estava tomando recentemente consciência de sua unidade, seguirá nos surpreendendo com a riqueza de sua potência.

Referencias

ARENDDT, H. *La condición humana*. Barcelona: Paidós, 1996.

_____. *Labor, trabajo, acción: una conferencia*. In: De la historia a la acción, Barcelona, Paidós, 1995, pp. 89-108.

_____. *Sobre la revolución*. Madrid, Alianza, 1988.

⁴ Valentín Suárez foi um dirigente do futebol argentino que chegou a presidir a Associação de Futebol Argentino entre 1950 e 1953, e, já como interventor do organismo por parte da ditadura de Onganía, entre 1967 e 1968.

BBC. «Cambridge... the birthplace of football?!», en www.bbc.co.uk, (acessado em 2011)

BORGES, J. L. *El pudor de la historia*. In: Otras inquisicióné. Buenos Airé: Emecé, 1989.

ELIAS, N.; D. Eric. *El futebol popular en Gran Bretaña durante la Edad Media y a principios de la Modernidad*. In: Elias, N., Dunning, E. Deporte y ocio en el procéo de civilización. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 222-223.

NIETZSCHE, F. Verdade e mentira no sentido extra-moral. Segunda Consideração intempestiva. In: Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1873/1972.

ZUCCHI, H. *Ramificacioné*. Edición del Autor: Tucumán, 1993.